

PSICANÁLISE NA PRAÇA: ESCUTA SEM PAREDES

Psychoanalysis in the public square: listening without walls

Luana Ariela Ferreira¹
Marcos Roberto Gorgatti²
Giuseppe Celebrone Lourenço³
Mariana Sica⁴
Rossano Bastos⁵
Evânia Reich⁶

Artigo encaminhado: 15/11/2025
Artigo aceito para publicação: 05/12/2025

RESUMO

O texto apresenta a experiência do coletivo Psicanálise na Praça, que realiza atendimento psicanalítico gratuito na Praça XV, centro de Florianópolis, e também de modo online. O texto construído por várias mãos, discorre sobre como a escuta analítica se transforma no espaço público, marcada por encontros, diversidade social e interrupções do cotidiano. A prática do coletivo contesta a ideia de que a psicanálise precisa estar restrita ao consultório privado, defendendo uma clínica aberta, ética e acessível para todos. Relatos de situações vividas pelos analistas demonstram os desafios de escutar sujeitos em sofrimento no espaço público. Com apoio de autores como Lacan, Freud, Elias e Broide, o artigo discorre sobre como a presença na praça possibilita o surgimento de um desejo de análise e amplia o campo da psicanálise. Conclui-se que a praça, com suas “anomalias” e imprevistos, apresenta-se como um espaço diverso e democrático em que o coletivo aposta na construção de laços e na oferta de um lugar de escuta para quem busca ser ouvido.

Palavras-chave

Cidade. Desejo. Exclusão. Psicanálise.

ABSTRACT

The text presents the experience of the collective Psicanálise na Praça, which offers free psychoanalytic sessions at Praça XV, in downtown Florianópolis, as well as online. Written collaboratively, the article discusses how analytic listening is

¹ Psicóloga e Psicanalista. Pós-graduada em Fundamentos da Psicanálise – Teoria e Clínica pelo Instituto ESPE (UNIFIL). E-mail: psicologaluanaferreira@gmail.com

² Psicanalista. Mestre em Processos Artísticos Contemporâneos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Instituto Clínico de Orientação Lacaniana, ICPOL. E-mail: marcosgorgatti@gmail.com

³ Psicanalista. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: giulourenco@gmail.com

⁴ Psicóloga. Graduada pela Universidade do Vale do Itajaí. E-mail: marianasica2705@gmail.com

⁵ Arqueólogo e psicanalista. Doutor e Livre Docente em Arqueologia Brasileira, Formação em psicanálise EBP/Sul. E-mail: rossanolopes@gmail.com

⁶ Psicanalista e Filosofia. Doutora em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: evaniareich@gmail.com

reconfigured in public space, shaped by unexpected encounters, social diversity, and everyday interruptions. The collective's practice challenges the notion that psychoanalysis must remain confined to the private consulting room, advocating instead for an open, ethical, and accessible clinic. Reports from the analysts highlight the challenges of listening to subjects in distress amid the dynamics of the square. Drawing on authors such as Lacan, Freud, Elias, and Broide, the text argues that being present in public space fosters the emergence of the desire for analysis and expands the psychoanalytic field. It concludes that the square, with its "anomalies" and unforeseen events, constitutes a diverse and democratic setting where the collective invests in building bonds and offering a space of listening for those who seek to be heard.

Keywords

City. Desire. Exclusion. Psychoanalysis.

Este texto foi escrito com a intenção de compartilhar a vivência e os saberes do coletivo Psicanálise na Praça, especialmente a partir da nossa participação na roda de conversa do XV Encontro Catarinense de Saúde Mental e I Congresso Brasileiro de Arte, Cultura e Saúde Mental. Nesse encontro, tivemos a oportunidade de trocar experiências e pensar juntos com Danielle Cima Cardoso (doutoranda em Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC), Daniel Paz (Associação de Moradores de Rua de Santa Catarina), Kleidison Oliveira (Coordenador Nacional do Movimento Nacional da População em Situação de Rua do Distrito Federal - MNPR/DF) e Naiara Tukano (povo Yepã Masã/Alto Rio Negro), com mediação de Rossano Lopes Bastos.

Este trabalho advém do desejo de falar sobre o coletivo, onde o analista se coloca na cidade, especialmente na rua. A partir de um lugar e com uma teoria que se transforma, com muitas mãos, numa práxis onde o dinheiro e o consultório privado não são condições para o exercício da escuta. A escrita desse trabalho é atravessada pela prática de cada analista que aqui contribui com sua experiência escrevendo a respeito do singular do trabalho no coletivo. Apresentaremos fragmentos da vivência na Praça XV (situada na cidade de Florianópolis) que dão contorno à construção ética da psicanálise pública.

Nosso trabalho surgiu do desejo de apresentar a psicanálise às pessoas na praça, mas proporciona mais; ver-se analista na cidade, no banco, no tempo aberto, no encontro do acaso, sem paredes, é deparar-se com uma teoria que se transforma, que se constrói em conjunto. A pandemia de Covid-19 demandou um

novo dispositivo de atendimento: o *online*. E ele se construiu e permaneceu. Hoje, mantemos os dois lugares de escuta: a praça presencial e a praça online. Ocupamos esses dois espaços que possibilitam a apresentação da psicanálise, o laço e o fazer analítico.

Uma vez na semana, sentamos no banco da praça com um cartaz escrito “Psicanálise na Praça”, e, capturado por ele, alguém se aproxima e pergunta: o que é essa tal de psicanálise? E então, em algum banco ao redor de uma estrondosa figueira, nos colocamos a escutar, sendo esta uma ocupação da praça. No entorno dessa árvore histórica da cidade que a vida acontece para muitos, pessoas em situação de rua, trabalhadores, ambulantes, aposentados, entre outros. Ali é passagem e ponto de encontro, ponto de venda de drogas, “dormitório” de muitos e local onde o badalar do sino da igreja ou o gari soprando folhas atravessam a fala do sujeito.

Em uma terça-feira de inverno, um senhor vestindo um sobretudo passou por nós e deu uma olhada de canto para o cartaz do coletivo. Dissemos “bom dia”, e ele nos respondeu igual. Segundo ele, algo em nosso “bom dia” o fez parar para conversar. Nunca sabemos o que do outro nos toca. O som da voz, um detalhe do rosto ou qualquer outra coisa que pode nos soar estranhamente familiar. Ele nos disse que lidava com algo parecido com o que a gente fazia e que trabalhava como uma espécie de coach para pastores de igreja. Contou também que estava indo bem em sua vida profissional, seu casamento idem, mas que, ao acordar todas as manhãs, havia algo que faltava e que não tinha ideia do que poderia causar esse vazio. Apontamos que essa sensação faltosa nos parecia algo importante de ser falado e que estaríamos na semana seguinte no mesmo horário, caso ele quisesse retomar aquela conversa. Como muitos encontros na praça que poderiam se desdobrar em um atendimento, ele não retorna.

Entretanto há quem volte e mantenha a regularidade das sessões. Quem chega, pode solicitar a escuta por ter encontrado algo sobre o coletivo nas redes ou por indicação. Também há os que nos procuram em situação de sofrimento intenso, que, comumente, nos posiciona em um lugar difícil entre o acolhimento e a escuta orientada eticamente. Outros, ainda se aproximam de nós com certa desconfiança, como as pessoas em situação de rua — um afeto justificável no contexto em que discursos de insensibilização social insistem em atribuir às pessoas em situação vulnerável a responsabilidade por sua própria condição.

Um trabalhador que atendemos chegou a relatar-nos que o serviço de acolhimento a pessoas em situação de rua da cidade recomendou que os usuários de droga evitassem aquele local por ser considerado um espaço de desordem. Nos parece que é ali que a psicanálise pode agir: nas bordas do discurso de um certo ideal de organização, na bagunça da cidade, no ponto onde algo escapa à normatização e à vigilância.

A prática psicanalítica, historicamente associada ao ambiente do consultório privado, tem sido desafiada a se reinventar frente às transformações sociais e políticas do nosso tempo. Em um texto de Luciano Elia (2018, p.1), intitulado *“Psicanálise, campo público e saúde mental: uma articulação necessária entre política e clínica”*, o psicanalista propõe uma distinção fundamental: a psicanálise é uma prática do íntimo, mas não do privado. Ou seja, embora trate de conteúdos íntimos, sua atuação não precisa — nem deve — estar confinada ao espaço do consultório. É nesse ponto que se inscreve a proposta do coletivo Psicanálise na Praça, como um gesto ético-político de enfrentamento a uma psicanálise que exclui a quem não pode pagar por ela.

O tempo é fundamental quando pensamos na clínica psicanalítica fora do consultório, especialmente na praça. A praça é um espaço público, aberto, onde o encontro às vezes se dá pelo acaso. Não há hora marcada, não há um contrato que garanta “tempo de sessão”, ou mesmo a continuidade de um processo. É um espaço onde alguém pode passar, parar e falar. O que significa oferecer uma escuta sem valor monetário num mundo governado pela lógica do capital? Em que “tempo é dinheiro”.

Nesse sentido, a presença do analista na praça pode surgir como contraponto não só à elitização da psicanálise, mas talvez também como anteparo ao avanço do neoliberalismo, que transforma tudo, inclusive o tempo e o cuidado, em mercadoria. Lacan (1998, p.322) já afirmava que “antes renuncie a isso quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. E a subjetividade da nossa época está marcada pelo aumento da pobreza, pelo crescimento da população em situação de rua e pela violência nas cidades, sintomas sociais que a escuta psicanalítica não pode ignorar.

Quando Jorge Broide (2006, p.7) aproxima a análise de um sonho à escuta da realidade do sujeito que está na rua, ele escancara a importância de ouvir muito para alcançar o que se encontra latente no discurso do sujeito sem se precipitar. O

movimento da cidade e a fala de quem se aproxima do coletivo, na verdade, encobrem algo que está além, que está por trás do que é dito, que está latente, portanto. Deste lugar pode-se escutar algo do desejo do sujeito sem concluir cedo demais.

Noutro dia de inverno, montamos nosso banner na frente da igreja matriz e nos deparamos com uma placa com os dizeres: “Não pernoite. A rua não é um lugar digno para se morar. Procure ajuda”. “Dignidade” se refere à autoridade moral, honestidade, honra e respeitabilidade (HOLANDA, 1975, p.475). Qual é a sustentação de um discurso moralizante oficial a respeito do que é ou não um lugar digno para morar se, em contraposição, direitos básicos como moradia não são garantidos a todos? Como pressupor o que é digno e o que não é sem escutar o sujeito e sem escutar a rua? A rua seria um lugar indigno também para se escutar o sofrimento do sujeito? O imperativo “procure ajuda” também nos convoca. Estamos na praça para tapar os furos dos serviços públicos de saúde? Certamente não.

Mas então, em que o coletivo aposta? Apostamos nos efeitos de um laço social construído na praça (física e online) e na possibilidade de que, desse encontro com o outro, aconteça um desejo de saber sobre seu sofrimento. E, para isso, é preciso estar na rua. Em relação a esse encontro com o outro, Jorge Broide (2006, p. 128) aponta que “a radicalização da competitividade empurra o sujeito ao desamparo que não é mais o motor do encontro com o outro (...) Ao contrário, a sobrevivência diante do desamparo vivido (...) é a aniquilação do outro. É a possibilidade real de ser aniquilado que move o sistema”.

Em uma escuta diferenciada na praça — na qual, inclusive, o sujeito decidiu por dois analistas para ouvi-lo ao mesmo tempo, o que foi acolhido pelo coletivo — B. contava sobre sua vida e repetidas vezes se referia a si próprio como “garoto de rua”. Nos contou que em sua infância sempre brincou na rua e entrou no tráfico de drogas muito cedo. Aos 14 anos, quando foi ameaçado de morte em seu estado, veio a Santa Catarina morar com a tia, que impôs a regra: “é da escola direto para casa, não quero você na rua”. Ali acontecem rupturas: com a mãe, com os irmãos, com os laços sociais do lugar onde cresceu, seguidas por uma ordem da tia de afastamento da rua. B. nos conta que não consegue seguir esse imperativo da tia e decide sair da casa e se enlaçar com a rua. Em suas palavras: “sou um garoto da rua, minha tia não entendia isso”. Isso que contamos seria o conteúdo manifesto, aquilo que ouvimos como relato, mas foi somente a partir dele que conseguimos

localizar algo da importância que a rua tinha em sua vida. B. não retornou aos atendimentos, mas não seria possível seguir as sessões desconsiderando sua relação com seu desejo de estar com o corpo na rua. Não se trata de idealizar a rua e suas mazelas, ou reafirmar um discurso moralizante de “ele está na rua porque quer”, mas de reconhecer que, para este sujeito, a rua tinha um sentido de ruptura com a posição de objeto que ele ocupava antes de experimentá-la. Essa é uma aposta de que há algo que é latente, que foge às leituras simplistas e, muitas vezes, violentas, dos supostos motivos que levam alguém a estar na rua.

Recentemente, uma estudante de design pediu para fotografar nosso banner pendurado num poste. Perguntamos a ela o porquê do registro, e ela nos disse que caminhava pela praça em busca de “anomalias”. Segundo ela, anomalia (no jargão do design?) refere-se a algo que não pertence a um lugar, mas que pode vir a fazer parte dele, como algo que viraria “tendência”. “Anomalia” pode ser entendida como a qualidade do que é anormal ou irregular. Estaríamos fora da norma, irregulares na praça, portanto. Seguimos tropeçando nessa palavra. Nas trocas entre os participantes do coletivo, nos deparamos com uma fala de Vladimir Safatle (2023, 29:40-30:42) sobre a relação entre errância e anomalia. Esta seria uma pré-condição do processo de transformação daquilo que foi em uma forma nova. Partimos daquilo que é da ordem do fora da norma para nos reorientarmos em relação ao que desejamos. O autor diz: “não faz sentido dizer que a errância é algo a ser evitado. A errância [entendida] como um processo natural, quase orgânico, da metamorfose de tudo o que era”. A escuta analítica é, de certa forma, uma errância na qual o analista escuta anomalias da linguagem: os equívocos, chistes e atos falhos, que são como tropeços na fala do sujeito. É dessa forma que o inconsciente “fala”, ou que o sujeito é falado por ele. É a partir dessa fala inconsciente que se produz um saber sobre o sujeito. Podemos dizer, portanto, que somos anomalias na praça em busca de anomalias na fala dos sujeitos que escutamos. E, pela lógica da transformação em uma forma nova, seguimos não evitando a errância.

Podemos identificar aqui em um fragmento de um texto escrito por um analista da praça que foi, antes de se tornar membro do coletivo, um analisando do lugar:

“Na praça encontrei sufoco, na praça encontrei respiro.

Na praça encontrei solidão,

Na praça encontrei companheirismo para atravessamentos,
Na praça encontrei o real,
Na praça encontrei saberes,
Da praça fugi
Na praça encontrei
Pela praça eu vim e pela praça nós vamos".

A Psicanálise na Praça, praticada sem paredes, firma a possibilidade de invocar o sujeito no espaço público em contraposição a uma lógica excludente do consultório privado. A praça, como espaço atravessado por múltiplas vozes, ruídos, fluxos e interrupções, exige do analista algo além da técnica praticada nos consultórios. Escutar o sujeito na praça é considerar sua realidade como componente de um pensamento latente marcado também pelas condições materiais em que ele se encontra. Dessa forma, o coletivo segue uma ética que leva em conta o modo pelo qual seu sofrimento é atravessado por discursos de exclusão que, muitas vezes, posicionam os sujeitos como responsáveis por seu próprio sofrimento. Essa clínica psicanalítica que acontece em meio a anomalias e imprevistos convoca os sujeitos a reforçarem o laço social com a praça, física e *online* também como possibilidade de manejo do sofrimento individual. Assim, a Psicanálise na Praça, uma guerra de posição, opera um furo no estabelecido através dos aparelhos ideológicos de estado, oferecendo uma resistência, uma ressonância, uma insurgência que ative a possibilidade de um mundo plural.

REFERÊNCIAS

BROIDE, J. **A psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias**. Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. 203 p.

ELIA, L. **Psicanálise, campo público e saúde mental: Uma articulação necessária entre política e clínica**. Revista Psicanalistas pela Democracia, 23 jul. 2018. Disponível em: <https://psicanalisedemocracia.com.br/2018/07/psicanalise-campo-publico-e-saude-mental-uma-articulacao-necessaria-entre-politica-e-clinica-luciano-elia/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

FREUD, S. **Caminhos da Psicoterapia Psicanalítica**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **A interpretação dos Sonhos**. Porto Alegre. L&PM. 2019.

HOLANDA, Aurélio Buarque de (Org.). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1975.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Seminário: livro 11: A angústia**. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 2005.

SAFATLE, V. **Vladimir Safatle por Vladimir Safatle – episódio #48**. YouTube, 23 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sXj7-2eqGGo>. Acesso em: 14/11/2025.